

Histórias de um Brasil bem brasileiro: moda e identidade no cotidiano poético de Ronaldo Fraga.

Liliane E. F. Carvalho e Letícia Losso¹

Resumo: Resultado parcial do projeto de pesquisa, ainda em andamento, intitulado “Nakao, Fraga e Villaventura: a construção do capital de prestígio da moda brasileira na atualidade” do Programa Unisul de Iniciação Científica (PUIC), este artigo analisa os trabalhos de Ronaldo Fraga, percebendo a maneira como este estilista trabalha, em suas coleções, histórias particulares de um Brasil plural. Nas passarelas, as coleções de Fraga permitem que se construa identificações com essas particularidades, transformando-as numa poética do cotidiano.

Palavras-chave: Ronaldo Fraga; moda; cultura.

Abstract: Partial result from the ongoing research project titled "Nakao, Fraga e Villaventura: the building up of the symbolic capital in present days' Brazilian fashion" from the Unisul's Scientific Initiation Program (PUIC), this article analyzes the work from the fashion designer Ronaldo Fraga, looking at how he speaks, through his collections, about intimate stories from a plural Brazil. In the catwalk, Fraga's collections allow the construction of an identification with these peculiarities, transforming those collections on a kind of daily life's poetic.

Keywords: Ronaldo Fraga; fashion; culture.

Produzir moda é construir um universo de sentidos. Cada vez mais, as coleções contam histórias que se materializam em cores, formas e texturas, partilhando de discursos simbólicos que permitem as identificações individuais ou coletivas. Ao mesmo tempo, as criações fundamentam-se nos momentos históricos em que estes são lançados: a moda é, então, um reflexo do seu tempo. Neste sentido, os criadores ganham status de pesquisadores dos desejos íntimos e coletivos, observadores críticos da realidade à volta e realizadores das fantasias estéticas de uma época ou sociedade. Esses criadores vestem não só os grandes momentos da vida coletiva, mas também o cotidiano corriqueiro. Assim trazem, para a experiência diária, parte desse universo cultural que desfilam nas passarelas.

A produção de moda no Brasil possui, hoje, nomes reconhecidos internacionalmente. Mas durante longo tempo da sua história, a moda brasileira seguiu os ditames da moda internacional, sendo que foi em fins dos anos 1970 e, principalmente, durante os anos 1990, ganhou maior impulso, pois os avanços da indústria têxtil brasileira permitiram a promoção do produto nacional e a ascensão dos designers brasileiros. Até então valorizando as estéticas internacionais, a partir da última década do século XX a moda brasileira passou a desejar e investir numa “identidade

¹ Liliane Edira Ferreira Carvalho, mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do curso de Tecnologia em Moda da Universidade do Sul de Santa Catarina. Letícia Losso, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Aluna do curso de Tecnologia em Moda da Universidade do Sul de Santa Catarina.

nacional”, buscando uma diferenciação que valorizasse o produto nacional frente o mercado internacional globalizado.

Neste contexto, surgem nomes como os de Ocimar Versolato, Walter Rodrigues, Alexandre Herchcovitch, Lino Villaventura, Carlos Miele, Ronaldo Fraga e Jum Nakao, entre outros, que discursarão, em suas coleções, diferentes nuances de um Brasil ora moderno e metropolitano, ora interiorano, imprimindo nas estéticas globalizadas os regionalismos da rica e variada cultura brasileira. É em Ronaldo Fraga que este estudo se centra. Resultado parcial do projeto de pesquisa, ainda em andamento, intitulado “Nakao, Fraga e Villaventura: a construção do capital de prestígio da moda brasileira na atualidade” do Programa Unisul de Iniciação Científica (PUIC), este artigo analisa os trabalhos de Ronaldo Fraga, percebendo a maneira como este estilista trabalha, em suas coleções, histórias particulares de um Brasil plural.

Dono de um olhar apurado sobre o Brasil e tendo por princípio a “consciência do esquecimento”, que regula as nações jovens que se querem modernas e buscam referenciais do eterno novo na cultura globalizada, Ronaldo Fraga realça o caráter heterogêneo da formação cultural brasileira, valorizando aspectos dessa cultura sem, no entanto, folclorizar. Usufruindo de uma variedade de influências, consegue reconstruir mundos sob novos parâmetros de representação simbólica: representações que cria sobre si mesmo e sobre o Brasil. Assim, muito mais do que apenas roupas, suas criações são a materialização de um pouquinho de Brasil - a gente e seu gosto - sob um olhar bem humorado, vigilante e amoroso.

Segundo Ricoeur, a “identidade não poderia ser de outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita da qual esta coletividade se encontra” (Apud BERND, p.19). Nas suas coleções, Fraga conta histórias - incluindo cenários e trilha sonora - e constrói universos de sentidos que são entendidos, e mesmo apropriados, por todos aqueles que, direta ou indiretamente, participam dos espaços culturais em que a moda se inscreve. As histórias que conta são variadas, mas tem em comum um olhar sensível sobre as experiências humanas e, dessa forma, suas coleções colocam sob a lupa a incapacidade do homem de ver além da própria conveniência.

Desde “Eu amo coração de galinha”, sua primeira coleção, Fraga já anunciava um olhar que busca o esquecido, o não valorizado, o perdido, seja no caldeirão ou na memória. Suas histórias falam de Histórias, de pessoas comuns e incomuns, suas vidas e suas artes: Drummond, Guimarães Rosa, Nara Leão, Tom Zé, Artur Bispo do Rosário, Lupicínio Rodrigues, Dona Nilza e Zuzu, têm em comum as particularidades de suas experiências pessoais no espaço público.

Da Costela de Adão ao Cordeiro de Deus; no amor de Ruth e Salomão; no corpo cru e nas células de Louise; num jantar ou na China; no “império do falso”, nas viagens de Gulliver ou na festa no céu, discursa-se e discute-se o Brasil que se foi, que se é e que ainda será em sua relação com o resto do mundo. São histórias que, de diferentes formas, nos vestem ou despem: como roupas ao corpo; como sentidos... quem somos? Nas palavras do próprio Fraga: “ a gente vive um momento muito peculiar que é esta construção da cultura de moda no Brasil. Paralelo a isso, estamos descobrindo que a moda é um instrumento violentíssimo no que se refere a difundir e falar de cultura. Então se você pode falar de Drummond, Tom Zé, Lupicínio Rodrigues Artur Bispo do Rosário, porque não?” (Apud CAMPOS, 2007).

Então, consciente de que a moda é um espaço de produção de sentidos culturais, Fraga não só faz moda como reflexo do tempo em que vive, mas participa da forja dos “novos tempos”. Pode-se imaginar quantas pessoas buscaram Lupicínio Rodrigues depois de verem o desfile em que este surgia, renascido e renovado, pela pílula azul. Quantos não se emocionaram lembrando das suas antigas costureiras ou riram de suas histórias de infância. Quantos não sentiram saudades da Nara Leão ou buscaram saber porque ela deixou saudades. Quantos não puderam, finalmente, re-humanizar em seus preconceitos os encarcerados, percebendo na delicadeza, dos bordados por eles feitos, as emoções que lhes varrem a alma. Quantos não se impressionaram com as bonecas do Vale do Jequitinhonha, notando a riqueza criativa e cultural dessa região tida como pobre. Sobre elas, Fraga comenta que:

É um trabalho muito feminino, muito delicado e já estava na hora de ser apropriado pela memória do país. Só se fala de pobreza no Vale do Jequitinhonha, mas se esquecem de dizer que elas (as artesãs) sabem transformar barro em ouro. Eu espero que a próxima geração de estilistas tenha menos vergonha de desenhar o Brasil. Nós fazemos muito pouco para merecer o país e eu me sinto na obrigação de registrar a memória iconográfica do Brasil (Apud MARQUES, 2007).

A cada novo ponto para onde se volta o olhar de Ronaldo Fraga, volta-se também o nosso, ora desconstruindo ora reconstruindo pontes em que passado e presente interagem para reformular nossas relações com o outro, nossa cultura e o espaço que nos cerca. Tendo consciência de que o espaço que ocupa na sociedade brasileira é de destaque e que suas idéias são dinamizadas pela mídia atingindo um grande número de pessoas, Fraga discursa do público ao privado, do indivíduo à sociedade, puxando de debaixo do tapete os recalques, fazendo com que se pense e questione as práticas cotidianas.

Neste sentido, “a busca da identidade pode funcionar como processo em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e interagindo na trama discursiva sem paralizá-la” (BERND, 2003, p.18). Pode-se então afirmar que, nesse processo, a

moda de Fraga pratica alternadamente a construção e a desconstrução: incorporando elementos de diferentes manifestações e alçando-as ao status das passarelas, desfaz hierarquias culturais. Consegue, dessa forma, reinventar continuamente a cultura, apreendendo-a e projetando-a de forma relacional.

Uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2002, p.50).

Muito mais do que uma identidade, a lógica aqui trabalhada é a da identificação: a primeira tem cunho individualista sendo a segunda muito mais coletiva. Dessa forma, esse discurso não é estanque e não faz sozinho. Ele varia conforme a época, a sociedade e seus valores. Extremamente relacional, vai criando e recriando sentido conforme novos contatos sejam estabelecidos.

Por fim, pôde-se perceber que Ronaldo Fraga cria coleções com críticas as práticas individuais e coletivas ou narrativas centradas em personagens, em gostos e sabores individuais, referências de vida em prosa ou poesia, trazendo para suas coleções o íntimo, o pessoal, o individual, mas, ao mesmo tempo, aquele quê de experiência que torna uma cultura comum a um grupo. E o que era tão único é sentido como realidade de muitos. Nas passarelas, as coleções de Fraga permitem que se construa identificações com essas particularidades, transformando-as numa poética do nosso próprio cotidiano.

Referências:

- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CAMPOS, Samira. Ronaldo Fraga: o contador de histórias das passarelas. In: http://www.estilosamiracampos.com.br/gentedeestilo/gde_0030.asp. Acessado em 26 de julho de 2007.
- CRANCIANINOV, Fernanda. Tradição chinesa inspira Ronaldo Fraga e encerra 3º dia de SPFW. In: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u67941.shtml>. Acessado em 28 de maio de 2007.
- CUNHA, Kathia Castilho; GARCIA, Carol. **Moda Brasil: fragmentos de um vestir tropical**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2001.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- GIUSTI, Andréa. Ronaldo Fraga se inspira em “Festa no Céu”. In: http://www.obaoba.com.br/noticias/noticias_detalhes.asp?ID=6469. Acessado em 15 de junho de 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

MARQUES, Reinaldo. Ronaldo Fraga busca inspiração em bonecas de barro. **In:**

<http://moda.terra.com.br/spfw2004verao/interna/0,,OI117244-EI1526,00.html>. Acessado em 15 de junho de 2007.

NASCIMENTO, Carla. Ronaldo Fraga faz reflexão sobre o "desencantamento" na SPFW. **In:**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u30448.shtml>. Acessado em 15 de junho de 2007.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TAVARES, Camila. Ronaldo Fraga se inspira no amor e na pílula azul. **In:**
<http://moda.terra.com.br/spfw2004inverno/interna/OI262316-EI3208,00.html>. Acessado em 30 de maio de 2007.

Liliane Edira Ferreira Carvalho. Bacharelada e licenciada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Moda - criação e produção - pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora do curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade do Sul de Santa Catarina e do curso de Design de Moda do Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

Letícia Losso, Bacharelada e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Aluna formanda do curso de Tecnologia em Design de Moda da Universidade do Sul de Santa Catarina.